

# A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL



## PHYSICAL EDUCATION AND STUDENTS WITH AUTISM IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

**ANDRESSA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA SOARES**

Graduada em Pedagogia Licenciatura Plena pela Faculdade Integradas Paulista (2010); Especialista em Educação Infantil pela Faculdade Campos Elísio (2021); Professora de Educação Infantil no CEI Selma Regina Lima Messias.

### RESUMO

O objetivo deste presente estudo é levar o conhecimento da educação física para os alunos autistas e professores, um aprendizado prazeroso que comece desde a infância e que atinge até os jovens, pois desde muito pequena a criança participa de práticas sociais e culturais dentro de sua família, no seu meio, ou seja, no seu cotidiano. O professor deverá levar o aluno autista ao conhecimento estético e físico. Também material para se trabalhar a percepção da lateralidade, equilíbrio, respeito e espaço.

**Palavras-Chave:** Autismo; Educação Infantil; Educação Física.

### ABSTRACT

The aim of this study is to bring knowledge of physical education to autistic students and teachers, a pleasurable learning experience that starts from childhood and reaches young people, because from a very young age children participate in social and cultural practices within their family, in their environment, in other words, in their daily lives. The teacher must lead the autistic student to aesthetic and physical knowledge. Also material for working on the perception of laterality, balance, respect and space.

**Keywords:** Autism; Early Childhood Education; Physical Education.

## INTRODUÇÃO

É importante enfatizar que a principal tarefa do professor é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças, mantendo vivo a cada dia, o interesse pela arte e adquirindo posicionamento mais crítico.

De acordo com pesquisas conclui-se que a educação física também pode ajudar o aluno na escolha de uma carreira artística, inclusive os autistas, pois existem muitas profissões que chamam a atenção dos jovens, mas é preciso que o professor esteja orientando esse aluno para que ele faça a escolha certa da área profissional em que se deseja atuar.

A educação física também poderá ajudar o professor a trabalhar com outras matérias, levando assim o aluno autista a compreendê-las de forma mais significativa, aumentando a capacidade de raciocínio. Chamar também a atenção para o significado que a educação física tem para a cultura brasileira. Sendo assim incluirá esse aluno autista em nossa sociedade com um amplo conhecimento.

Por esta razão, o uso da educação física em escolas, principalmente quando trabalhada com crianças autistas, como auxiliar no desenvolvimento, vem nos revelar uma situação singular onde a criança, por intermédio da atividade física, de seus ensinamentos; vive e explora o meio que a circunda promovendo um fortalecimento de suas habilidades, que de acordo com o autor, deixa-a capaz de refletir e se autoafirmar. Para ele, do ponto de vista emocional, afetivo e cognitivo, cria e recria situações que ficarão gravadas em sua memória e que poderão ser reutilizadas quando adulto.

O objetivo geral da pesquisa foi pesquisar o fator da educação física como meio norteador da aprendizagem com crianças autistas.

Os objetivos específicos nortearam em determinar como a apresentação da educação física em uma atividade pode ser importante para o desenvolvimento integral da criança autista; dar à educação física um real propulsor no processo ensino-aprendizagem, a sua real valorização, a sua interação com as demais disciplinas curriculares; promover a conscientização da importância que a educação física, em toda sua especificidade, tem no processo ensino aprendizagem, principalmente com crianças autistas.

A metodologia que deverá ser utilizada para o trabalho de conclusão de curso será bibliográfica e com estudos de autores que se consagraram historicamente sobre o tema em questão.

Deverá também ser de caráter qualitativo, já que se torna mais adequada e viável pela modalidade de estudo que se apresentam contemplando pesquisas em documentos escolares, legislação vigente e atualizada, artigos recentes de revistas e/ou jornais e principalmente sites e redes sociais onde famílias se comunicam e se atualizam quanto aos acontecimentos e depoimentos recentes sobre a inclusão de alunos autistas no âmbito escolar.

O trabalho será de cunho bibliográfico com embasamento em autores como Alencar, Cunha, Cross, Kishimoto, Câmara Cascudo, Koch, Arce, Libâneo e as visões sobre o desenvolvimento da

criança. Abordaremos sobre a questão da educação física, propriamente dita, relevando a sua importância na educação infantil, em Santos, Gainza e Mantoan.

## O COTIDIANO DAS CRIANÇAS E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A criança desde muito pequena participa de práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, ou seja, do grupo em que vive. É bem devagar que ela vai descobrindo o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos e até outras crianças no decorrer da sua vida. A sua formação vai se estruturando a partir das experiências assimiladas em interação com outras pessoas, sendo assim é inserida no ambiente afetivo e cultural que a criança vai desenvolver seu processo de socialização.

Cada objeto, cada elemento de seu cotidiano seria uma nova experiência que o mundo poderia lhe oferecer. A criança começa a perceber desde bem cedo, que os seres e as coisas com que ela convive, se apresenta com semelhanças e diferenciações, com afetividade ou não.

Com relação ao mundo sensível ela poderá ter noção de cores, de materiais, de sons, de melodias, de gestos, de tempos e de espaços. A criança é habituada a gostar dos adultos pelas escolhas formais, táteis, visuais, sonoras, presentes nas roupas que usamos, nos objetos caseiros, nas canções, etc. Podemos dizer que a própria natureza lhe oferece muitas experiências visuais e sonoras, além de outras que afetam as emoções e pensamentos infantis

Desde pequena a criança começa a conviver com o mundo das máquinas, da industrialização, da tecnologia, do mundo eletrônico, das mídias; ou as vezes, com um simples apertar de um botão. Tudo isso dentro da sua própria casa ou junto a cultura local, onde o mundo exterior se faz presente de diversos modos; como relata Rodari: “Toca ao telefone, ouve-se a voz do papai, gira-se o botão da televisão e a tela se enche de imagens, e para cada imagem devagarinho armazenase uma palavra, uma informação para decifrar e guardar com a devida prudência, junto das que possui” (1982, p.89).

Vale ressaltar que é na infância, que os conceitos culturais e sociais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, de beleza, feiura etc. Ela participa de várias manifestações, senso capaz de reelaborá-las e reconstruí-las em seu imaginário formando ideias e sentimentos sobre as mesmas e expressá-las em ações.

Deve-se estar atendo para a comunicação no ambiente infantil, pois o mundo dos sons, das cores e do movimento marca sua presença e todos com encantos e inquietações. São as imagens e sons que se juntam ampliando o ambiente natural e cultural. No ambiente artístico, existe um processo de comunicação cultural que tem se encarregado de realizar a divulgação de imagens e sons por vários meios: rádio, disco, cartazes, revistas, exposições, concertos, cinema, vídeos, televisão, computadores que empurram os educadores de hoje a encontrar muitas maneiras de intermediar vários conhecimentos ou representações de mundo, presentes em nossas práticas sociais cotidianas.

Como educadores a nossa competência é incluir e educar a capacidade de julgar, avaliar as atividades e as experiências em todas as linguagens consideradas como meios de comunicação expressão e o mundo físico. É muito importante que o educador saiba analisar tudo que compõem o cotidiano das crianças de hoje. E que junto com outros educadores saiba encontrar jeitos de desenvolver com qualidade, a parte que lhe compete na formação educativa, individual e coletiva da infância.

Vimos que a criança está em constante assimilação de tudo aquilo com que entra em contato com o seu meio ambiente, compete ao professor saber lidar com os fatos em sala de aula, construindo a sua metodologia de trabalho. O que é observado e percebido nos passeios, nos caminhos de ida e volta à escola, nas brincadeiras, nos programas de rádio e televisão, está modificando e enriquecendo as experiências e vivências infantis. A principal tarefa do professor é auxiliar o desenvolvimento dessas observações e percepções das crianças através das aulas de educação física. Qualquer conceito estético ou físico pode ser trabalhado a partir do cotidiano tanto da natureza quanto da cultura como um todo.

## **AUTISMO E A EXPRESSIVIDADE INFANTIL**

Para compreender o processo de conhecimento da educação física pela criança, é preciso mergulhar em seu mundo expressivo e procurar saber pôr que e como ela o faz.

A criança se exprime tanto do ponto de vista corporal, sempre motivada pelo desejo da descoberta e por suas fantasias. Ao acompanhar o desenvolvimento expressivo e corporal da criança percebe-se que ela resulta das elaborações de sensações, sentimentos e percepções vivenciadas intensamente. Pôr isso quanto ela desenha, pinta, dança e canta, o faz com vivacidade e muita emoção.

A expressão corporal infantil é, pois, a mobilização para o exterior das manifestações interiorizadas e que formam um repertório constituído de elementos cognitivos e afetivos. E assim desde pequena que a criança vai desenvolvendo uma linguagem própria, traduzida pôr signo e símbolos. A criança fabuladora ou expressiva participa ativamente do processo da criação.

Para a criança, a linguagem ou comunicação corporal que ela exercita com parceiros visíveis ou invisíveis, reais ou fantasiosos, acontece junto com o seu desenvolvimento afetivo, perceptivo e intelectual e resulta do exercício de conhecimento da realidade.

O compromisso do professor é então adequar o seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções infantis.

Sentir, perceber, imaginar, representar, faz parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida.

São considerados por Sikora (1976) elementos inibidores da criatividade corporal, em relação à cognição, os bloqueios, as estruturas rígidas de pensamento, os crivos severos de percepção do meio, a má interação entre o indivíduo e o meio, a falta de informação e experiências, a fixação na

solução de problemas, os pensamentos rígidos de causa e efeito, os preconceitos e as teorias dominantes. São considerados bloqueios afetivos o medo de cometer erros, a grande necessidade de segurança, a falta de confiança na capacidade criativa, o interesse em resolver problemas com muita rapidez.

Quanto ao meio ambiente sociocultural, todas as situações de autoritarismo, alta diretividade, excesso de formalismo, críticas severas, julgamentos estereotipados, indisciplina, diminuição dos canais de comunicação são fatores inibidores da criatividade. Outros fatores culturais determinantes são as pressões de conformismo, as consequências de trabalhos alienantes e mecanicistas, a falta de lazer, o condicionamento imposto pelos meios de comunicação social e corporal.

A escola tem sido duramente criticada pelo fato de inibir a criatividade corporal dos alunos através da imposição de padrões imutáveis, estruturas administrativas antidemocráticas, adoção de modelos de disciplina rígidos, exigência de desempenhos específicos e predeterminados.

O potencial corporal é inerente ao ser humano, mas esta capacidade muitas vezes encontra barreiras para se expressar. A inibição desse potencial resulta de experiências dissociadas da identidade do indivíduo e da restrição de sua capacidade interativa com o meio.

O que se observa na sociedade é que inúmeros são os fatores que constituem barreiras ao desenvolvimento corporal. Em nossa cultura, por exemplo, valoriza-se muito mais o raciocínio lógico, em detrimento da fantasia e reflexão, consideradas como perda de tempo (Adams, 1994 *apud* Alencar, 1994).

Barreiras perceptuais, por sua vez, faz com que o indivíduo, devido analisar previamente uma situação ou objeto, reforce estereótipos e preconceitos, além de lhe dificultar abertura a novas experiências. A rigidez de pensamento, portanto, impossibilita a pessoa explorar novas ideias, testar diferentes maneiras de se fazer coisas e manipular ideias divergentes.

A concepção que se tem de si mesmo pode também representar uma barreira à expressão da criatividade. Se a pessoa se percebe como pouco criativa ou incapaz de gerar ideias novas provavelmente não confirmará sua autoimagem.

Com o exposto, fica claro que a figura do professor, pela significação que tem para seus alunos, poderá contribuir de maneira decisiva para que construam significativamente seu autoconceito corporal. No entanto, para que isso seja possível é preciso que o professor compreenda seus próprios valores e avalie até que ponto sua figura também influencia os comportamentos dos alunos.

Para motivar os alunos a aprender e propiciar condições ao desenvolvimento do corpo, é fundamental ainda que o professor tenha competência para conhecer suas necessidades, propondo desafios adequados, levando-os a construir conhecimentos, a experimentar o sucesso e seu potencial criador e a adquirir uma auto-imagem positiva, a fim de que o prazer venha da própria aprendizagem, de sentimento de aptidão e da segurança para resolver problemas.

Outro obstáculo ao desenvolvimento das habilidades corporais e criativas são as pressões psicológicas. Muitas crianças do jardim-de-infância, da pré-escola e mesmo do primeiro ciclo gostam da escola. Interessa-se por aprender e explorar. Mas quando estão na terceira ou quarta série, poucos

a apreciam ou sentem prazer com a própria criatividade. Alguns estudos têm enfatizado que existem elementos que funcionam como principais inibidores da criatividade. Por exemplo:

- **Vigilância:** Rondar as crianças, fazendo-as sentir que estão sendo constantemente observadas enquanto trabalham. Sob observação constante, a criança não mais assume riscos e o impulso criativo se retrai.
- **Avaliação:** consiste em fazer as crianças se preocuparem com o julgamento alheio de seu trabalho. Elas devem, primariamente, ficar satisfeitas com suas realizações, em vez de se inquietarem com avaliações, notas ou opiniões de colegas.
- **Recompensas:** uso excessivo de prêmios, como medalhas, dinheiro ou brinquedos. Em excesso, as recompensas privam a criança do prazer da própria atividade criativa.
- **Competição:** consiste em colocar a criança na contingência desesperada de vencer ou perder, quando apenas uma galgará o topo. Deve-se consentir que a criança progredisse segundo seu próprio ritmo (existem, é claro, competições saudáveis que fortalecem o espírito de grupo ou equipe).
- **Controle excessivo:** dizer às crianças, minuciosamente, o que devem fazer - sua tarefa de casa, seu trabalho doméstico e até as suas brincadeiras. Pais e professores frequentemente confundem esse tipo de micro gerenciamento com seu dever de instruir. Isso leva a criança a sentir que toda originalidade é um erro, toda exploração uma perda de tempo.
- **Restrição de escolhas:** dizer às crianças quais atividades deve empreender em vez de deixar que se encaminhem para onde às levam a curiosidade e a paixão. O melhor é permitir que escolhessem o que lhes interessa e apoiar essa inclinação.
- **O erro:** a escola, especialmente, enfatiza a exatidão das respostas, condição considerada imprescindível para classificar os bons alunos. Aquele que erra é visto como incompetente e incapaz. Não se percebe o erro como ato criativo, como uma oportunidade para a exploração e descoberta.
- **Pressão:** alimentar esperanças grandiosas quanto ao desempenho da crianças. Por exemplo, os regimes de força, que obrigam as crianças menores a aprender o alfabeto ou a aritmética antes que tenham real interesse podem facilmente produzir resultado contrário e despertar nelas verdadeira aversão pela matéria imposta.

Um dos piores inibidores do desenvolvimento corporal, porém, é mais insidioso e tão enraizado na nossa cultura que poucos o notam. Refere-se ao tempo. Se a motivação intrínseca é uma das chaves para a criatividade da criança, o elemento principal para seu cultivo é o tempo: tempo livre para que ela saboreie e explore uma dada atividade ou material, tornando-os coisa sua. Talvez um crime hediondo que os adultos cometam contra a criatividade de uma criança seja surrupiar-lhes esse tempo.

De um modo mais natural que os adultos, as crianças entram nesse estado de criatividade absolutas que é o *fluxo*, no qual a absorção total engendra o máximo de prazer e originalidade. No

fluxo, o tempo não importa, existe apenas o momento atemporal. Trata-se de um estado em que as crianças se sentem mais à vontade que os adultos, pois estes se dão mais conta da passagem do tempo.

Pode-se concluir que, quando o indivíduo sofre uma restrição de sua capacidade física e corporal, suas ações tendem a tornar uma mera reprodução de um repertório cristalizado e uma reação condicionada às solicitações do mundo.

A vivência e reconhecimento dos seus limites através do seu corpo, pelo contrário, traz para a pessoa a emoção de um profundo encontro consigo mesma, como entidade única e com uma forma singular de perceber e sentir a vida e o mundo.

## **CARACTERÍSTICAS DE UMA ATMOSFERA CRIATIVA EM SALA DE AULA COM ALUNOS AUTISTAS**

Caso haja um interesse em encorajar a criatividade do aluno autista, é necessário que se crie um clima em sala de aula propício a seu desenvolvimento. Uma de suas características fundamentais é a receptividade a novas ideias e pode ser implementado através de muitos procedimentos. A título de exemplo, seguem - se alguns procedimentos que atendem aquela finalidade.

- Dar chances ao aluno para levantar questões, elaborar e testar hipóteses, discordar, propor interpretações alternativas, avaliar criticamente fatos, conceitos, princípios, ideias. Além disso, o professor deve ter uma atitude de respeito pelas questões levantadas, independentemente de serem elas banais e irrelevantes ou “inteligentes” e bem - formuladas.
- Dar tempo ao aluno para pensar e desenvolver as suas ideias criativas, pois nem todas as ideias mais criativas ocorrem imediata e espontaneamente.
- Criar um ambiente de respeito e aceitação mútua, no qual os alunos possam compartilhar desenvolver e aprender tanto uns com os outros e com o professor, como também independentemente.
- Estimular o aluno a habilidade de explorar consequências para acontecimentos imaginários e para outros que já ocorreram no passado ou que poderão ocorrer no futuro. Alguns exemplos de problemas que poderão ser propostos são:
  - O que aconteceria se a terra tivesse vários satélites naturais?
  - Como seria o Brasil se o mesmo tivesse sido colonizado pelos espanhóis?
  - Quais serão as consequências do desmatamento indiscriminado das florestas brasileiras?
  - Como seria o mundo hoje, caso os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial?
- Encorajar os alunos a refletir sobre o que eles gostariam de conhecer melhor, ou temas os quais gostariam de realizar estudos e pesquisas.
- Desenvolver nos alunos a habilidade de pensar em termos de possibilidade, de fazer julgamentos, de sugerir modificações e aperfeiçoamentos para suas próprias ideias e

proposições.

- Diante de um problema, deve permitir que os alunos sigam as diversas etapas do processo criativos, explorando e analisando os diferentes aspectos de um problema em um primeiro momento, seguido por leituras, discussões, formulações de diferentes soluções propostas. Isto permitirá a emergência de uma possível solução mais adequada, a qual será, então, novamente testada e avaliada.
- Neste clima, o sentimento de ameaça e temor, tão frequente em nossa escola, deve dar lugar ao desejo de arriscar, de experimentar e de manipular; o medo do fracasso e da crítica, tão comuns entre nossos alunos, não deve existir. Ele implica em uma sensação de liberdade para inovar e explorar, sem medo de avaliação.
- Deve-se valorizar o trabalho do aluno, as suas contribuições e suas ideias. De modo geral, em nosso meio, a tendência maior é no sentido de tecer comentários negativos, comunicando ao aluno apenas a extensão dos seus erros salientando os seus fracassos e a sua incompetência. Muito raramente, ouve - se um professor dizendo para um aluno: “Como você é capaz!” “Como a sua ideia é original!” “Como você é habilidoso!” “Como você escreve bem!”. Por outro lado, sabemos que todo ser humano, seja criança, adolescente ou adulto, tem uma necessidade básica de ser aceito, de ser estimado, de ser valorizado, de ver as suas contribuições, os seus esforços, o seu ponto de vista, reconhecidos e valorizados; de perceber - se como tendo alguma habilidade especial.
- Encorajar o aluno a escrever poemas, histórias, trabalhos artísticos, criando o espaço para divulgação dessa produção.
- Proteger o trabalho criativo do aluno da crítica destrutiva e das gozações dos colegas.
- Usar dos recursos mais adequados à manifestação da criatividade, condizentes com o que se está ensinando no momento. Se a matéria for “Comunicação e Expressão”, não se estimula à criatividade simplesmente solicitando aos alunos para escrever sobre determinados temas e devolvendo posteriormente as redações com comentários positivo ou negativo. Para facilitar redações criativas, o professor deve fazer uso dos mais variados recursos, possibilitado às crianças trabalhar com as ideias antes de colocá-las no papel. Alguns desses recursos seriam:
- Dar oportunidade aos alunos para desenvolver sua imaginação e para elaborar ideias imaginativas com relação e um determinado tema proposto pelo professor ou pelo aluno.
- Estimular a aplicação de princípios para gerar novas ideias, como pensar em outros usos; adaptar; modificar; substituir; rearranjar; combinar etc.
- Encorajar a criação de ideias que sejam de toda a classe, antes de partir para um trabalho individual, onde as ideias do grupo possam ser aproveitadas.
- Não considerar disciplina como alunos sentados, quietos e de boca fechada. Aceitar a espontaneidade, a iniciativa, o senso de humor e a capacidade criadora como traços universais do homem, que não devem ser prescritos da sala de aula, mas devem antes ser cultivados.

- Não se deixar vencer pelas limitações do contexto em que se encontra, mas fazer uso dos próprios recursos para contornar as barreiras e dificuldades encontradas.

Acreditamos que, se houvesse um empenho por parte do professor em desenvolver uma atmosfera com algumas das características especificadas anteriormente, muito da apatia que é tão frequente em nossas escolas, possivelmente deixaria de existir.

Dizemos que a educação em uma democracia deve ajudar indivíduos a desenvolver plenamente seus talentos. Segundo Torrance (1976), recentemente houve pressões para limitar isso a talentos intelectuais. Falou-se muito em limitar o interesse da escola apenas ao pleno desenvolvimento do intelecto. Mesmo com essa definição limitada das metas de educação, as capacidades envolvidas em pensamento criativo não podem ser ignoradas.

Para Roger (1986, em Virgolim, 1994), a pessoa que deve emergir da educação, seria idealmente uma pessoa em que se pode confiar, que seja autêntica, autorrealizadora, socializada e apropriada em seu comportamento, uma pessoa criativa, uma pessoa que está sempre em mudança, sempre desenvolvendo, sempre descobrindo a si próprio, em cada momento.

Um de nossos desafios como educadores é, pois, contribuir no sentido de promover mudanças necessárias ao ensino, na educação formal, de tal forma a propiciar o desenvolvimento das potencialidades do aluno, especialmente de suas potencialidades criativas. Como lembra Mackinnon (1959), nossa tarefa como educadores não é a de reconhecer o talento criativo após a sua expressão, mas antes a de estimar o talento quando é ainda potencial e propiciar o ambiente e as condições que irão facilitar seu desenvolvimento e sua expressão.

Diante do exposto, podemos dizer que este é um desafio aos educadores de todos os níveis e ao próprio contexto escolar brasileiro, o qual se percebe que não está preocupado em favorecer a autorrealização de seus estudantes.

## **CONSIDERAÇÃO FINAL**

Ao longo deste trabalho, tentou-se explicar que o desenvolvimento corporal do autista nas aulas de educação física é um elemento indispensável na prática educacional e na vida diária. É desenvolvendo as habilidades criativas que o indivíduo se torna capaz de lidar com o futuro, se tornando apto a atender às novas demandas sociais e culturais, principalmente no tocante ao aluno autista.

Um dos aspectos que precisamos salientar é que, não só a escola, mas também a família e a sociedade não podem dispensar o desenvolvimento corporal, precisam considerar a importância de desenvolver as habilidades criativas corporais de seus indivíduos para que possam adaptar-se e solucionar as questões e os problemas trazidos pelo progresso social, científico e tecnológico.

O objetivo geral foi analisar sobre a inserção da educação física como meio norteador da aprendizagem com crianças autistas. a partir disto, levantar discussões sobre as práticas educacionais. Tem-se constatado que a sociedade enfrenta uma profunda transformação em todos

os campos do conhecimento, nos modelos de organização social, nos valores individuais e coletivos e nas atitudes. Para facilitar essa transformação, é necessário reestruturar os modelos de informação e educação, para que novos conhecimentos possam ser apresentados, discutidos e englobados no modo de viver de cada um.

Portanto, fica clara a importância de se cultivar a imaginação e a atividade física e criadora nos alunos autistas, através de um ensino orientado para a solução de problemas novos e para a preparação do aluno para a produção do conhecimento.

Os ambientes escolares, das escolas brasileiras, continuam inadequados, exigindo basicamente a memorização de fatos e conceitos, com poucas atividades para o desenvolvimento do pensamento divergente do aluno, em traços de personalidade, como iniciativa, curiosidade e independência não são estimulados na escola.

É, portanto, necessário remover essas ideias errôneas e conscientizá-los de que todo ser humano apresenta um certo grau de habilidades criativas e que podem ser aprimoradas através de condições ambientais favoráveis e de domínios de técnicas. Além disso, é preciso conscientizar os professores principalmente do seu poder de influência em sala de aula e de sua capacidade de contribuição para o desenvolvimento do autoconceito positivo nos alunos. Assim, então, poderá contribuir para a formação de cidadãos críticos, com capacidade de reflexão e ação diante dos diversos problemas impostos futuramente.

Com essa pesquisa pretendo ter momentos de reflexão sobre o conteúdo tão extenso que arte nos proporciona, pois sabemos que o conhecimento da mesma não é muito amplo em relação ao ensino escolar. Sabemos que a educação física deve ser ensinada desde a infância, pois é neste período que as crianças começam a praticá-la sem mesmo conhecê-la, pois participa de práticas sociais e culturais de seu cotidiano. Para isso o professor deverá começar ensinar, mostrar e compreender o processo físico e biológico.

Como professores e pedagogos devemos mostrar e ensinar a nossos alunos o verdadeiro significado que a educação física tem em nossa cultura e na nossa vida. Mostrar também que ela poderá ser inserida ao mundo do trabalho e até mesmo em outras matérias na escola.

Este trabalho mostra como esse professor poderá se orientar em caso de dúvidas que poderão ocorrer durante suas aulas. Mostrando assim ao aluno que é divertido e prazeroso aprender arte.

Finalmente, a pesquisadora gostaria de ressaltar que o elemento criador na aprendizagem pode ser visto como agente mobilizador da ação de romper o limite, o surpreender-se diante do inesperado que desafia a ação, o superar-se enquanto processo oculto e consciente de autonomia na relação do interno com o externo. Desta maneira, o homem vive o processo de transformação de seu potencial de ser, criar, fazer, renovar e aprender.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L Soriano, Psicologia da Criatividade corporal. Porto Alegre: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. Como desenvolver o potencial físico. Petrópolis: Vozes; 1991.

\_\_\_\_\_. Soriano de. Criatividade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

AMABILE, T. The Social Psychology os Creativity. New York: Springer, 1983.

BARBOSA, Ana Mãe. Educação física: leitura no subsolo, 2d, São Paulo: Cortez, 1999.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

\_\_\_\_\_. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1).

BOSA, Cleonice; BAPTISTA, Cláudio Roberto. Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. 6ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CROSS, Jack. O Ensino da Educação Física nas Escolas. São Paulo: Cultrix, 1983.

FERNANDES, Lorena B. Ensino de arte no universo autista: um relato de extensão da Faculdade de Educação Física do Paraná. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UTP, 2011.

GOLLEMAN, Daniel & outros. O Espírito da Criatividade. São Paulo: Cultrix, 1996.

LANIEIR, Vicent. Devolvendo a Arte à Educação Física. São Paulo, 1984.

LÉVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática. Ed. 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo, Cortez, 1990.

MARANHÃO, Diva. Ensinar brincando: A aprendizagem pode ser uma grande brincadeira. 2.d. Rio

de Janeiro, Wak, 2003.

MEIRA, Marly; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. Arte, afeto, educação física e educação: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MÈREDIEU, Florence. O desenho corporal infantil. São Paulo. Cultrix, 1974.

RIVIÈRE, A. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL,C.; MARCHESI,A.; PALACIOS, J. (orgs.). Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WAJSKOP, Gisela. Brincar na Pré-Escola. 4. Ed, Cortez, 1999.